

O legado de Tancredo

O Brasil está de luto. Tancredo morreu. A Nova República perdeu o seu criador. Ele se foi, mas deixou um legado que não podemos perder: deixou a unidade nacional pela democracia e para o combate à crise.

Em pouco tempo Tancredo conquistou o seu povo. Nunca nosso povo se identificou de tal maneira com um seu líder. Tancredo, por sua coragem, por seu sofrimento e por sua vida, cativou nosso povo e lhe deu algo que já parecia impossível: a esperança. A morte de Tancredo cai sobre a Nação como uma calamidade. Todos sentem seu desaparecimento como se fosse o de um próximo.

Depois de vinte anos de governos autoritários, Tancredo apareceu como um guia de um processo de transição sem traumas. Com o País envolvido em crises múltiplas todos passaram a crer que Tancredo poderia nos tirar do atoleiro. Tendo os escândalos abalado a fé dos cidadãos em seus dirigentes, Tancredo era visto como o homem probó que poderia redimir o Estado diante dos cidadãos. Ele se foi e deixa um vácuo que não se deve tentar disfarçar.

Tancredo até há pouco tempo era um líder prestigioso em seu Estado, Minas, conhecido nacionalmente mas sem uma liderança popular nacional. Em menos de um ano seu prestígio suplantou tudo que um político poderia esperar. Ele se transformou em verdadeiro patriarca da Nova República.

Tancredo não tinha nada de líder carismático. Era um democrata e um moderado. Democrata e moderado consequente. Foi isto que permitiu que ele se transformasse no pólo aglutinador de nossas forças políticas. Tendo se mantido todo o período do autoritarismo em posição consequente de defesa da democracia, nunca adotou o tom do radicalismo. Não conciliando com o estado autoritário e não se deixando levar por radicais Tancredo se transformou em confiável para toda a nossa sociedade.

No momento em que se esperava a transição, Tancredo apareceu como uma solução confiável para todos. Ele possuía as motivações necessárias para as mudanças que se impunham e o equilíbrio para evitar aventuras. Num quadro político aparentemente marcado para que a situação fosse vitoriosa, Tancredo, governador de Minas, apareceu como o recurso capaz de unir todos os que queriam mudanças. Era aceitável para os que tinham lutado pelas diretas, era confiável para aqueles que julgavam que os tempos tinham vindo para uma democracia plena.

Tendo imposto sua liderança dentro de seu próprio partido, Tancredo aparecia como uma reserva da Nação. Participou mais que os demais da campanha pelas diretas, imobilizando os que pretendiam apresentá-lo como um imobilista. Colocando o respeito pela autoridade do Estado em primeiro plano — reverenciando o presidente João Figueiredo como a encarnação da autoridade — Tancredo mostrava aos temerosos de aventuras que ele representaria a ordem. Mudanças era seu lema, e o afirmava com força, mas ele deixava claro que não permitiria aventuras, jamais.

Desenhando um perfil de estadista muitos pensaram que Tancredo arriscava perder prestígio popular. Seu talento foi o de corresponder ao desejo da população. Houve como que uma coincidência, destas raras na história, entre a imagem de Tancredo e uma aspiração de nosso povo. Pedia-se seriedade, honestidade e franqueza e Tancredo tinha tudo isto a oferecer.

Moderado, tendo imposto a seu próprio partido a hegemonia de seu grupo, Tancredo era merecedor da confiança dos que, dentro do situacionismo, julgavam que o período de autoritarismo já se prolongara demais. Foi sob a égide de Tancredo que se fez a Aliança Democrática. Outro político não teria sido capaz de unificar forças que se digladiavam até as vésperas.

Antes de marchar para a formação da Aliança, Tancredo teve de unificar seu próprio partido. Sua proverbial habilidade o credenciou para esta tarefa.

Adversários irmãos o aceitaram depois de certa resistência. Forjada a Aliança e praticamente unificadas as oposições, Tancredo era potencialmente vitorioso. Contou então com a solidariedade do povo. Seu nome foi saudado como a garantia de seriedade e mudanças. O

apoio que recebia de todos os setores da sociedade o transformava em candidato praticamente invencível.

Temia-se uma resistência de setores institucionais que estavam comprometidos no passado recente. Tancredo afirmou-se como a garantia de mudanças sem revanchismos. Seu nome só fez crescer. Mesmo aqueles que poderiam temer que com sua vitória lhes fosse cobrado seu passado passaram a ver nele a garantia de que o passado estava morto e que a Nação unificada se voltaria para a solução de seus problemas, se voltaria para o futuro.

Hoje, quando não mais temos Tancredo entre nós, temos de lhe creditar esta obra que parecia inconcebível: a da reconciliação nacional. Tendo unificado em torno de seu nome e das bandeiras da Aliança Democrática nosso mundo político e conquistado um imenso apoio popular, Tancredo fez renascer em nosso país a esperança. Ao partir, nos lega também isto. Hoje o Brasil já crê que é possível suplantar a crise em que vivemos.

Tancredo em nenhum momento aceitou o caminho da facilidade, o caminho da demagogia. Seu recado ele deu ainda quando era governador de Minas. Optou pelo rigor econômico e pelo restabelecimento da autoridade do Estado. Constituiu uma equipe moderada e só colocou como seus objetivos aqueles que pareciam realizáveis. Nada de facilidades, nada de promessas quiméricas.

Tancredo, eleito, se dedicou à tarefa de fazer uma composição das forças que o haviam apoiado na constituição de seu governo. Não era fácil. As forças eram por demais diversas. Deu uma verdadeira lição de habilidade política. Fez mais: não deixou estas forças orfãs de orientação. Elaborou as diretrizes gerais de seu governo. Já hospitalizado, Sarney leu suas diretrizes em reunião de ministério. Elas correspondiam às aspirações da Nação. Garantiam mudanças e asseguravam a ordem.

No momento em que seu vice tomava posse já se iniciara o Calvário que o País assistiu estupefato e condoído. Tancredo foi hospitalizado e passou a sofrer intervenções sucessivas. Resistiu heroicamente. Seu sentido de dever para com o Estado e com o povo que dirigiria lhe davam forças que pareciam sobre-humanas. Sua dor foi partilhada por todos. Sua dor solidou ainda mais a Nação em torno de seu nome. Seus sofrimentos, sua resistência e seu desejo de viver para servir à Nação foram exemplares.

Tancredo se foi. Em sua idade e com as complicações que afetaram sua saúde não pôde continuar entre nós. Não pôde fazer o que todo o povo desejava, dirigir-nos no caminho da democracia e da recuperação econômica, na via da superação das injustiças sociais e das desigualdades regionais. Sua falta será enorme. Sem ele teremos de fazer o mesmo caminho que nos traçara e, seguramente com maiores dificuldades. Teremos entretanto de realizar o que planejara para o Brasil. Ele nos deu os instrumentos para que isto fosse possível.

A Aliança que compôs, a Aliança Democrática, é o instrumento principal para que isto seja possível. Mais ainda, dentro da Aliança, Tancredo estabeleceu um equilíbrio de forças. Ele colocou o eixo de seu governo assentado nas forças moderadas mas sem excluir quem quer que seja. Preocupado com as reformas que prometera ao povo colocou em postos-chave de seu governo políticos sensíveis às aspirações populares. Sua arquitetura política tem de ser respeitada.

Tancredo não está mais entre nós mas nos deixou um legado que tem de ser respeitado. Seguir suas diretrizes é obrigação de todos os políticos responsáveis que foram por ele comandados. Não é concebível que o jogo de interesses, natural na vida democrática, suplante a dedicação às tarefas do Estado. A ausência de Tancredo será apenas física. O povo que o amou, que sofreu seu calvário, o terá como paradigma do político respeitável. Sera, este povo, juiz severo de quantos se aventurem a colocar em risco a obra que o presidente Tancredo tracou para o Brasil. Se aqueles que chegaram ao poder com Tancredo se afastarem de suas diretrizes, se ousarem afastar-se de sua moderada e seriada o povo sabrá puni-los com o repúdio que a democracia permite.

Tancredo se foi, mas através de sua obra continua a nos guiar.